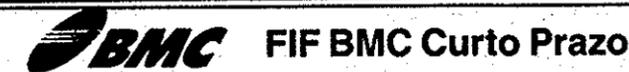


3/12/96 9m A3
07

OPINIÃO



Uma nova revolução francesa

Washington Novaes *

Numa recente entrevista à Veja (13/11/96), o "papa" da ficção científica, Arthur C. Clarke, do alto dos seus 78 anos, disse que "já há pessoas demais para os recursos limitados do planeta (...) Acredito que a população ideal da Terra seja inferior a 1 bilhão de pessoas". Em outras palavras, como já dizem muitos estudiosos, estamos "comendo" o nosso planeta. Mas a quantidade de "comida" é finita. Que vamos fazer?

Com palavras mais sofisticadas, foi esse o tema de uma reunião promovida na semana passada, em Brasília, pelo Ministério do Meio Ambiente e governo da Noruega: padrões e políticas sustentáveis de produção e consumo. Uma tentativa de definir caminhos viáveis para cumprir o capítulo 4 da chamada Agenda 21, aprovada na Eco 92. Principalmente caminhos que partilhem essa responsabilidade de forma mais justa entre países desenvolvidos e os ditos países em desenvolvimento. O relatório preliminar brasileiro para a Eco 92 dizia que hoje a capacidade de impacto de um habitante do Primeiro Mundo sobre os recursos naturais (por sua renda e poder de consumo) é 25 vezes maior do que a de um morador dos países subdesenvolvidos. Um texto da norueguesa Gro Brundtland, comentado no workshop, diz

No Primeiro Mundo, o impacto de um habitante sobre o meio ambiente é 200 vezes maior do que nos demais países

que essa capacidade é 200 vezes maior, não 25 vezes.

Seja como for, é demais. E algumas informações apresentadas ali por Erik H. Brandsma, da Divisão de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, acionam mais uma vez o sinal de alerta:

- Nos últimos 45 anos, a economia mundial quase quintuplicou; o consumo de grãos, carne e água triplicou; o de papel multiplicou-se por seis, o de combustíveis fósseis por quatro (assim como as emissões de dióxido de carbono).

- Os 20% mais pobres da humanidade ganham menos de US\$ 1 dólar por dia, enquanto os 20% seguintes recebem em torno de US\$ 3 dólares/dia; isso quer dizer que 40% da população mundial fica com

apenas 6,5% da renda; e o "gap" entre ricos e pobres continua crescendo e dobrou nos últimos 30 anos, segundo o Banco Mundial.

- A desigualdade não é apenas entre países ricos e países pobres, mas também dentro deles; China, Índia, Venezuela, Brasil, Argentina, Coreia do Sul, Taiwan, Indonésia, Malásia e Tailândia, juntos, reúnem 750 milhões de consumidores de alto padrão de renda, quase tanto quanto os 880 milhões de consumidores dos países industrializados.

- A economia mundial deverá crescer

a taxas entre 3 e 4% ao ano, no horizonte visível, e com isso o Produto Bruto global deverá crescer de US\$ 20 trilhões para US\$ 200 trilhões até meados do próximo século. "Se estivermos de acordo em que a atual economia global já se aproxima da capacidade de suporte do ambiente planetário — pelo menos de sua capacidade de absorver emissões de dióxido de carbono —, um aumento de dez vezes no consumo será um grave desafio à capacidade humana de manter uma economia capaz de prover prosperidade mundial e sustentabilidade ambiental."

- Um dos exemplos mais chocantes das distorções do sistema insustentável que estamos vivendo é a comparação entre o preço da gasolina (mais barato) e da água mineral nos Estados Unidos; se as chamadas "externalidades" (poluição do ar, poluição sonora, etc.) tivessem seu custo incluído no preço da gasolina, os norte-americanos teriam de pagar seis vezes mais pelo combustível e os europeus duas vezes mais.

- Os próprios governos encorajam políticas insustentáveis, como os subsídios à agricultura, que estimulam práticas insustentáveis de produção e consumo; esses subsídios



subsubsidiados) e de implantação de hidrovias (destinadas à exportação de grãos produzidos num modelo degradador do solo e com balanço energético negativo). Práticas que favorecem os consumidores do Primeiro Mundo e penalizam os habitantes dos países subdesenvolvidos.

E o que se pode fazer para mudar esse quadro?

Algumas linhas inovadoras foram apresentadas, entre outros, pelo diretor-geral do Ministério das Finanças da Noruega, Thorvald Moe, principalmente a "green tax reform" que seu país está introduzindo. Na essência, trata-se de uma reforma fiscal que alivia os impostos sobre o trabalho (para evitar a expansão do desemprego) e sobre o capital (para estimular investimentos), ao mesmo tempo em que aumenta a taxa sobre o consumo de recursos naturais (para evi-

"perversos" já totalizam hoje US\$ 600 bilhões por ano.

Alguns exemplos de distorção no Brasil mesmo foram apresentados por outros expositores, entre eles o modelo de expansão na geração de energia elétrica no Centro-Oeste e Amazonas (voltado principalmente para a produção de alumínio exportável a custos

tar desperdício e incentivar a conservação). Isso significa mais impostos sobre combustíveis fósseis, extração mineral, pesca, extração de madeira, produção de lixo (principalmente lixo tóxico) e sobre o uso da terra (entendido como uso de um capital de recursos naturais).

Um estudo prospectivo sobre os efeitos dessa política, que compara os anos de 1987 com 2000, 2005 e 2010, mostra que a tendência será de crescimento da renda e do emprego e queda dos preços ao consumidor. Por isso mesmo, estudos semelhantes estão em processo no âmbito da Comunidade

Econômica Européia. E, na Noruega, para evitar uma "economicsização" da reforma fiscal, na prática, a decisão sobre como aplicar a receita decorrente da taxa sobre uso de recursos naturais estará a cargo do conselho de ministros, e não apenas da área econômica.

Uma questão ficou pendente nas discussões: já que os países industrializados são os grandes consumidores das exportações dos países mais pobres, como fazer para incorporar aos preços dos produtos exportados os seus custos ambientais? Isso teria uma consequência negativa para os países importadores (aumento de preços) e um risco para os exportadores (protecionismo comercial, a pre-

texto de penalizar a produção inadequada do ângulo ambiental).

Obviamente, a solução estaria em políticas conjugadas entre Norte e Sul, que estimulem a produção e o consumo sustentáveis. Definir essas políticas e caminhos para levá-las à prática foi exatamente o que se discutiu e se pretende levar à reunião Rio + 5 (de avaliação do cumprimento das decisões tomadas na Eco 92), programada para março próximo. Mas está claro que será longa e penosa a travessia. E muitos cuidados serão necessários para que — como expresseu o documento final do encontro

— "o impulso em direção à sustentabilidade ambiental não se transforme em instrumento de expansão das desigualdades entre Norte e Sul".

Chegamos a um ponto em que precisamos de uma nova revolução francesa para atualizar nossos padrões civilizatórios

Nas palavras da secretária-executiva do Ministério do Meio Ambiente, Aspásia Camargo, "nos últimos dois séculos temos vivido sob a tríade da liberdade, da igualdade e da fraternidade. À medida que caminhamos para o século 21, precisamos tomar como inspiração os quatro valores da liberdade, da igualdade, da fraternidade e da sustentabilidade".

Uma nova revolução francesa, na verdade, para atualizar nossos padrões civilizatórios.

* Jornalista.